

MULHERES DO LER: QUANDO OS CORPOS INVISIBILIZADOS DAS NEGRAS TRANSGRIDEM, APARECEM E NUNCA MAIS DEIXAM DE EXISTIR A PARTIR DAS ESCRIVIVÊNCIAS

Veronica Cunha ¹
Roberta Renoir Fumero ²

RESUMO

O presente trabalho é fruto das inquietações que reverberaram a partir da parceria Disciplina Corpo, Educação e Cultura do Programa de Pós Graduação em Educação, Demandas Populares e Contextos Contemporâneos e a parceria com o Coletivo Mulheres do ler, na cidade de Queimados-RJ. Desta experiência, iniciamos a proposta de pensar como a leitura literária de autoria negro-brasileira mobilizada pelo coletivo promove a possibilidade de que muitas histórias sejam contadas; histórias de corpos femininos, negros e antes invisibilizados pela desigualdade (EVARISTO, 2017). Instigamos conhecer como o grupo, que já publicou mais de cem textos de mulheres periféricas, constrói uma metodologia de formação antirracista, trabalhando na perspectiva de revisitar tecnologias ancestrais que funcionam para que as mulheres negras “não desapareçam de si” (BRETON, 2020). O coletivo Mulheres do ler nasce em uma turma da EJA-Educação de Jovens e Adultos, formada por ocasião do golpe sofrido pela presidenta Dilma Rousseff, onde o corpo de uma mulher branca, magra, cristã, DO LAR e heterossexual se apresentava como padrão do feminino. As mulheres da educação de jovens e adultos foram colocadas frente à leitura literária de autoria negra e iniciaram um processo de reflexão-ação-reflexão que não cabia naquele formado de corpo-fronteira entre um homem e o outro, um corpo coisificado (LOURO, 2000). O recorte que desejamos apresentar nos fricciona a pensar sobre os corpos e suas falas na perspectiva da escrita das mulheres do coletivo.

Palavras-chave: Corpo, Mulheres negras, Queimados, Escrevivências, Formação

¹ Doutoranda em educação PPGEDUC/UFRRJ, professoraveronicacunha@ufrj.br

² Doutoranda em educação PPGEDUC/UFRRJ, robertarenoirfumero1973@gmail.com